

Um olhar de embaixador

Ricardo Japiassu
Professor de Língua Portuguesa do curso de Relações Internacionais
japiassu.ricardo@gmail.com

De início, é um grande privilégio abordar a temática da própria pesquisa que desenvolvo junto ao Departamento que trabalho na Faculdade Damas da Instrução Cristã, o de Relações Internacionais. Dentro das perspectivas históricas, ou seja, do transcurso das relações internacionais, mesmo tal ciência ainda não se encontrando instituída cientificamente, ou melhor, academicamente, como temos agora, com cursos regulamentados, o que nos permite realizar esta pesquisa científica, financiada pela própria Instituição, dentro do projeto de implantação do PIBIC: ***UM olhar de embaixador: José do Patrocínio e o Nordeste brasileiro.***

Este material é constituído por dez crônicas de viagem, escritas pelo jornalista e líder abolicionista negro, radicado na Corte, José do Patrocínio que, numa viagem ao Ceará – onde redigiria o romance precursor do Regionalismo, em 1878, ***Os Retirantes***. A bordo do vapor Pará, numa incursão de três meses, atracando nas capitais nordestinas de Salvador, Maceió, Recife, Paraíba do Norte (atual João Pessoa) e, por fim – principalmente – Fortaleza – redige crônicas de viagem para o jornal ao qual estava a trabalhar, o mais moderno do Rio de Janeiro, a ***Gazeta de Notícias***. Este material, por sua vez, jamais foi estudado e publicado em livro. Daí o nosso veio em observá-lo com o mesmo olhar de José do Patrocínio: um olhar de embaixador.

O autor das dez crônicas via os flagelos da seca em cada cidade de forma a observar como quem vislumbra um painel, mesmo tomando partido, indo às autoridades, sendo recebido pelos presidentes das províncias, pelos responsáveis pelos asilos e socorros, pelos deputados e jornalistas, pelas famílias ilustres e abastadas. Na praça do Recife, em especial, comenta a beleza das vivendas, do belo casario, das pontes, mas não deixa de criticar a presença do flagelo, apenas um lampejo do que veria em Fortaleza, quando toma o tom anticlerical por completo, isto filho de padre com escrava negra que era. O grosso de suas crônicas de viagem são

sobre Fortaleza e seus escândalos, o que muito se encontra como elemento de ficção no romance ***Os Retirantes***.

Para a pesquisa, pleiteei e logrei, quatro bolsas de Iniciação Científica. São os alunos/pesquisadores: Wolney Rocha, Daylhane Cunha, Victor Anuniação e Matheus Muniz. A cada um, coube um aspecto do trabalho, que resultará em publicação pela Faculdade Damas da Instrução Cristã, da seguinte forma: faço a apresentação, o coordenador do curso de Relações Internacionais, Thales Castro, o prefácio; a Professora Marta Lima, o pós-fácio; o Professo Aurélio da Bôaviagem a orelha; a Diretora da Instituição, Irmã Mirian Vieira, a contracapa e, cada um dos alunos, um ensaio de 20 laudas. O livro terá ilustrações, tendo sido estas consultadas à Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tarefa que coube ao aluno Victor Anuniação.

Daylhane Cunha, além de ter resgatado as crônicas dos jornais – adquiri os microfilmes em rolos à Fundação Biblioteca Nacional – sendo a leitura e transcrição realizadas na Fundação Joaquim Nabuco, estudo os textos enquanto crônicas de viagem. Wolney Rocha observou os aspectos folhetinescos do material coletado, comparando-o com o conteúdo das notícias publicadas no mesmo periódico, no mesmo período. Desta forma, concedeu um aspecto de folhetim político ao seu trabalho. Victor Anuniação tocou duas tarefas ao mesmo tempo: o levantamento iconográfico, de um lado e, de outro, o biográfico de José do Patrocínio. Afinal, quem foi este homem cujos textos são relevantes à história das relações internacionais brasileiras? Um olhar de embaixador, visto que o que havia fora da Corte era exótico aos olhos do Império. Por fim, Matheus Muniz desenvolve a tarefa de conectar a realidade e a ficção, ou seja, os fatos reais relatados nas crônicas, com a ficção realizada por José do Patrocínio, no mesmo período, em ***Os Retirantes***.

Neste momento, fevereiro de 2012 – as investigações iniciaram ano passado em maio – se encontram em fase de elaboração dos ensaios. É um vai e vem de textos. Uma troca de informações entre os colegas, que interagem entre si, pois que preparei a turma para que seja, ao máximo, independente, no que concerne a cumprir os horários de pesquisa, leitura e, agora, a realização dos ensaios. Não que eu pretenda

dos meus alunos um nível de doutoramento. Também não engulo uma primeira versão dos textos. Há algo a ser refeito. Um retoque aqui, outra retomada acolá e, assim, como num bordado de renda de bilros, os escritos vão se compondo. O que mais me alegra é a pontualidade e a disponibilidade dos estudantes, que levaram a sério as tarefas, desde as primeiras reuniões. Não é tarefa fácil se sentar uma manhã, em frente ao leitor de microfimes e ler um jornal do século XIX, com todo um estilo e uma carga que lhe é peculiar. Depois, termos de adequar, pelo menos, esta nossa língua portuguesa, que tanto evolui.

Outro fator importante a mensurar é que temos, nos tentáculos da Faculdade – cujo nosso lema deste ano é ‘mergulhar em águas mais profundas’ – pesquisa como atividade desenvolvida de forma inteiramente correta, com bolsa e orientação. Formamos um grupo de pesquisa na vertente Relações Internacionais e História. Não apenas por uma documentação se tratar do século XIX, mas por trazer a tona todo o pensar de uma época que não é mais a nossa, cujos valores, modos, ideias, atitudes, tudo mudou. Claro que os valores básicos humanos perduram: honestidade, lisura, compaixão, fraternidade, etc. Por trazer consigo esta carga de valores e por ser um homem negro que, em meio a uma Corte branca desafiou o seu tempo, nos abraçamos a causa de José do Patrocínio.

É bem verdade que todo o material dele, no que tange às crônicas de viagem, são de um olhar de embaixador. Ele nos vê como quem fotografa, observa de fora e relata. Faz tudo isto, porém, refletindo, pensando, almejando um futuro mais justo. A causa que defende é sempre a justiça, estando sempre ao lado dos mais fracos e usufruindo do seu espaço no jornal – embora que lido apenas por um público ínfimo e na Corte – para denunciar: injustiças, mazelas, corrupções. Uma destas, a que mais me chamou a atenção, foi o caso da prostituição de menores em Fortaleza, cujos responsáveis pelos abarracamentos seduziam em troca de comida para a própria família, infestando-as de moléstias e fazendo-as, depois, morrerem à míngua, inteiramente abandonadas. Desta forma, os “intendentes” destruíam os lares com toda sorte de corrupção.

Também Patrocínio coloca-se inteiramente contra o clero e trata dos desmandos do religiosos em Fortaleza – exceto das Irmãs de Caridade – opondo-se frontalmente à sua forma de agir, protegendo os ricos e desprezando os flagelados pela seca que castigou duramente o Ceará. Um dado curioso é que, neste ano, o Imperador Dom Pedro II desejou vender as joias da Coroa para aplacar a seca no Nordeste brasileiro. Não o fez. Mais tarde, as mesmas joias foram roubadas e este escândalo terminou por derrubá-lo do trono. Coincidentemente, nesta mesma época, José do Patrocínio regressa ao Ceará, já era 1882, para participar da campanha abolicionista, pois o Estado foi o primeiro a extinguir o cativeiro no País e implementar o trabalho livre. Em contrapartida, no Sertão Central do Ceará, mais precisamente em Quixadá, onde, na fazenda Não Me Deixes, viveu um par de tempo a escritora Rachel de Queiroz, o Imperador Dom Pedro II fez construir o açude de Orós, todo com o paredão e sangradouro em pedra, em sinal de inconformidade com a calamidade da estiagem. Tornou-se ponto turístico.

Por fim, na próxima edição da revista *Caderno de Relações Internacionais*, na sua edição de final de ano, apresentarei os resultados da pesquisa e, possivelmente, já o nosso trabalho publicado em livro, o que será de grande ganho para toda a sociedade científica, pois mostra que uma realidade tão antiga, ainda permanece viva, magoando uma vasta camada da sociedade que vive nos sertões nordestinos, com a falta de um olhar mais justo e mediano. Grato pela oportunidade que a Faculdade Damas da Instrução Cristã nos concedeu, eu e meus pesquisadores só temos a agradecer e vislumbrar um projeto maravilhoso, que nos custou empenho, como tudo que é bom e para tudo que concorre em bons resultados. Que todos usufruam do nosso trabalho.